

ARNON DE MELLO

Senador da República

GOVÊRNO
E
OPOSIÇÃO

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS

Maceió — Alagoas

ARNON DE MELLO

Senador da República

**GOVÊRNO
E
OPOSIÇÃO**

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS

Maceió — Alagoas

Discursos do Senador Arnon de Mello no Senado Federal já publicados :

Energia Nuclear
Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Emigração de Cientistas
Pesquisa
Ciência e Democracia
Responsabilidade do Legislador
Vereadores
Pelé no Senado
América Latina : Educação e Progresso
Inquérito parlamentar Sobre Evasão de Cérebros
Legislação Social e Desenvolvimento (1930-1964)
Alagoas, Petróleo e Petrobrás
Cientistas-Meninos
Comunidade Luso-Brasileira
Brasil, Passado e Presente
Resposta ao Senador Edward Kennedy
Rondon, Telecomunicação e Desenvolvimento
A Transamazônica e o Desenvolvimento do Nordeste
Açúcar : Fator de Equilíbrio da Unidade Nacional
Problemas de Educação
Três Alagoanos
Pensamento e Ação
Chefes de Estado
Missão de Governo

outros discursos:

UMA EXPERIÊNCIA DE GOVERNO

Livraria José Olympio Editora — Rio

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 229-P

do ano de 1972

Para correspondência e pedidos:

Rua México, 168 — 10.º — Salas 1001/05

Rio de Janeiro

Povo alagoano: (*)

Numerosas foram as ocasiões, nestes cinco anos, em que vos falei como vosso mandatário, preocupado sempre em que acompanhásseis *pari-passu* a minha ação de governo, tôda ela orientada no sentido dos vossos interesses.

Hoje, ao findar a dura tarefa de que me incumbistes, venho fazer-vos, pela última vez, uma prestação de contas, já agora abrangendo todo o período de meu mandato, e, ao mesmo tempo, expor-vos a situação em que deixo a nossa terra.

MISSÃO CUMPRIDA

Devo de antemão declarar-vos, com a segurança de quem de todo se devotou ao vosso serviço, que cumpri a missão que me confiastes, e nisso empreguei todo o meu tempo e tôdas as minhas fôrças. Por mais imprevistas e perturbadoras que se fizessem as intempéries, por mais surpreendentes e intensas as refregas, não desanimei, não modifiquei o rumo que me traçara nem perdi a serenidade: fui sempre fiel aos propósitos do movimento popular de 1950 e à minha palavra de candidato, de tal modo que hoje insisto em repetir, sem qualquer constrangimento, e antes com orgulho, tudo quanto naquele tempo disse como intérprete dos vossos sentimentos. Aqui instaurei um ambiente de ampla liberdade e tranqüilidade. E trabalhei, trabalhei sem desfalecimento, noite e dia, até ontem, até hoje, infatigável, com a energia e o ímpeto de quem quisesse recobrar o tempo perdido pelo passado indiferente aos sofrimentos do povo.

Não cuidamos, meus companheiros e eu, apenas de garantir a tranqüilidade e a liberdade. O povo necessita de liberdade, mas compreendemos, evidentemente, que não lhe basta a simples liberdade formal. Dentro, então, da área da nossa competência e no regime em que vivemos, cuidamos

(*) — Discurso pronunciado no Palácio Floriano Peixoto, em Maceió, ao findar o mandato de Governador, em 31 de janeiro de 1956.

de assegurar-lhe o bem-estar, pela prosperidade do Estado. Lançando-nos à solução de velhos problemas, tivemos de enfrentar a tóda hora obstáculos sem conta, pequenos e imensos, promanados, inclusive, da brusca transição que Alagoas experimentou com a mudança de métodos de governo, e das reações da rotina à renovação e ao progresso por que nos batíamos. em clima eminentemente democrático.

LIBERDADE E VIOLÊNCIA

Encontrei aqui uma tirania ainda maior do que a exercida pelo meu antecessor, tirania expressa na opinião generalizada de que o Governo, para ser forte, precisava ser violento — o que facilitava o arbítrio e o desmando. Lutei contra ela, obstinando-me em afirmar o prestígio do Poder Público não pelas armas e pelo medo, mas pelo esclarecimento e pelo trabalho em favor do interesse coletivo. O Governo que se dedica ao povo, certamente lhe obtém o apoio espontâneo, a cooperação consentida, e não imposta. Se êle funda a sua autoridade no bem comum, as forças de resistência à sua ação, por mais exacerbadas pelo ódio e pela inveja, terminam reduzidas e ineficazes, sem acústica para as suas pregações, abafadas na indiferença da comunidade. Só os Governos incapazes e maus, dominados pelo receio das explosões do descontentamento popular, necessitam recorrer a meios violentos a fim de se manterem.

Tenho consciência de que pratiquei em Alagoas a verdadeira democracia, que é o povo governando-se por si mesmo. Nunca apareci para oprimir, e a impressão que se teria, no decorrer do meu período administrativo, seria a da ausência do Governo, se êste houvesse necessariamente de destacar-se apenas pelas exhibições de força material. Agindo sempre pela persuasão, não criei, no exercício do meu mandato, correntes subterrâneas de revolta geradas pela violência ou pelos excessos de poder. E as paixões que despertei, injustas, não se enraízam em atos que eu haja cometido contra ninguém, porque a ninguém fiz mal.

CRÍTICAS

Fui até criticado por ter garantido ampla liberdade. Mas essas críticas em nada me impressionaram. Dei liberdade porque nos comícios de 1950 prometi ao povo dar liberdade, e não prometi para enganar e faltar. Dei liberdade porque, fiel a mim mesmo, jamais admitiria vir governar

meu Estado para escravizar meus conterrâneos. E foi exatamente este clima de liberdade, reconhecamos, que me permitiu executar a obra de govêrno que aí está, pois, do contrário, o meu tempo seria pouco para as lutas estêreis, e as questiúnculas, e as intrigas, e as tricas e futricas terminariam impedindo a construção ou reduzindo-lhe de muito as proporções.

Pregando sinceramente a paz, e côncio da minha responsabilidade, nunca pratiquei excessos de poder, mesmo em face dos excessos oposicionistas. As exacerbações dos meus inimigos, todos êles como tal constituídos por vontade própria, eu respondia com a indiferença; e essa atitude, consciente e conseqüente, os surpreendeu e desconcertou pela novidade que representava para o meio, onde os Govêrnos não só costumavam repelir com extrema rudeza quaisquer ataques, mas até tomavam a iniciativa de os dirigir, ameaçadores e furibundos, aos que se lhes opunham. A arma dos meus opositores era o insulto; a minha, a paciência. Fui sempre paciente, considerando que "no que concerne às coisas humanas não devemos rir nem chorar, nem nos indignar, mas compreender". Algo houve, todavia, de proveitoso na ação que contra mim desenvolveram os meus adversários, nas dificuldades que me criaram como nas palavras que pronunciaram para ferir-me. Eu quase poderia dizer que contei também com a cooperação dêles, pois o seu negativismo ainda mais realçou o sentido construtivo e as realizações do meu Govêrno, tanto quanto as suas iniquidades, emprestando-me ademais a condição de vítima, que eu timbrei sempre em não lhes conferir, contribuíram para ampliar a área de boa vontade e aprêço com que hoje me distinguem os alagoanos.

TAREFA PEDAGÓGICA

Alegra-me confessar nesta hora, ao término da dura jornada, que sou um homem profundamente feliz. Eu es'aria desesperado se houvese faltado às esperanças e à confiança do povo. Mas quem, como eu, tem a consciência do dever cumprido, está forte para resistir sempre a tôdas as injustiças, a quaisquer ingratidões, e sente-se bem disposto a prosseguir, com o objetivo de servir à sua terra.

Deixo o Govêrno sem ressentimentos nem ódios. Das ásperas lutas que aqui travei, levo a convicção de que devemos promover intensa campanha a fim de elevar o nosso nível de educação política, criando-se um ambiente mais arejado e saudável para as contendas da vida pública, de

forma que dela não se afastem os homens de bem, naturalmente temerosos de medir forças com contendores que utilizam meios de combate incompatíveis com a dignidade; ambiente dentro do qual se respeite mais o patrimônio moral do adversário e se procure conquistar o povo não com enganos, mas com a verdade.

Coube-me uma tarefa pedagógica: mostrar aos alagoanos que o Governo é tanto mais forte quanto mais possa suportar a crítica apaixonada. Nenhum governante em Alagoas foi mais atacado do que eu; mas as agressões não me enfraqueceram nem, embora criando embaraços sem conta, me impediram de trabalhar.

O homem de governo precisa mesmo defrontar-se com forças de resistência para mais seguramente atuar pelo bem comum. Elas lhe dão melhor o sentido do humano; impedem que, nas alturas do Poder, êle suba aos céus, se divinize, perca o contato com a realidade; ampliam-lhe e aprofundam-lhe, essas forças, a visão, e o defendem até contra si mesmo, contra as suas iusões, contra as miragens que se originam do relêvo dos cargos. Mas isso não quer dizer que os abusos da oposição contra o Poder sejam menos condenáveis que os abusos do mesmo Poder.

PROVA RUDE

Maior prova não poderia eu ter tido da invulnerabilidade moral do meu Governo, do seu prestígio, do que haver-me submetido, tranqüilo, durante cinco anos, às críticas mais virulentas e às acusações mais infundadas, e sempre alvo da estima e simpatia do povo. Meus atos falaram mais alto para o povo do que as palavras apaixonadas dos meus adversários. A prova foi sobremodo rude, mas Deus me permitiu que a vencesse sem trair meu passado democrático e sem me trair a mim mesmo. Deixo o Poder convencido de que dêle saio mais forte do que para êle entrei, pois, se antes me recia a confiança do povo pelas esperanças que lhe acendi, hoje, graças à minha ação no Governo, não a mereço menos, nem menos esperanças desperto pelo que fiz e pelo que pretendo fazer ainda por Alagoas.

Fui sem dúvida tolerante, mas nunca me faltou firmeza para não me afastar do objetivo colimado. Não presentei aos meus adversários a homenagem de desviar-me da linha de orientação que me tracei, de modificar meus planos de ação ante a fúria das suas provocações e desvarios.

Não neguei o programa do meu Partido. Nestes cinco anos pude certamente realizar o que pregamos nas campa-

nhas de 1945 e 1950. Honra-me que os resultados dos esforços do meu Governo não tenham decepcionado nem prejudicado, e sim beneficiado o povo e os meus correligionários. Servi a minha terra servindo e engrandecendo, ao mesmo tempo, o meu Partido, que hoje se apresenta muito mais forte do que quando ascendi ao poder. Se em 1950 fizemos com a nossa legenda três deputados federais, um deles eu próprio, e nove estaduais, em 1954 e 1955, sob o meu Governo, elegemos dois senadores, cinco deputados federais, dezesseis estaduais, trinta e cinco prefeitos, dos quais cinco em coligação, e a quase totalidade da maioria das Câmaras de Vereadores, constituindo-nos, assim, no maior partido do Estado.

GOVÉRNO IMPESSOAL

E não fiz govêrno de pessoas, de grupos, de facções. Defrontando uma oposição sistemática e extremamente facciosa, fui sempre, ao contrário, impessoal, interessado, acima de tudo, no bem comum.

Descontentei. Mas quem no exercício do Govêrno não descontenta? Fiz govêrno de consciência e de justiça. Aquêles que se chocaram com tal conduta hão de terminar convido em que apenas cumpri o meu dever, pois o Govêrno não é propriedade de ninguém, nem de pessoas nem de partidos. é de todos, é da comunidade. E, assim agindo, honrei, ademais, minha palavra. Não me saem da memória as palmas calorosas e demoradas com que fui aplaudido na Convenção do meu Partido, a 30 de agôsto de 1950, quando disse que, se eleito, seria "o Governador de todos os alagoanos". E fui realmente o Governador de todos os alagoanos, a todos beneficiando com a minha atuação.

Estranhou-se que eu houvesse aceitado o apoio de elementos heterogêneos, muitos deles desligados das campanhas eleitorais que empreendêramos. Vale, no entanto, fixar que só mesmo quem tem a responsabilidade do Govêrno é que pode medir suas limitações e suas necessidades. Vale fixar que não é possível, evidentemente, escolher operários pela côr dos seus cabelos, para demolir ou fazer uma construção, porque o de que se precisa é de energias. Vale fixar que numa casa não é necessária apenas a sala de visitas, ampla, iluminada e arejada, porque os cômodos menores e os próximos desvãos sombrios têm sua utilidade. A desigualdade faz a unidade, já lembrava Vieira citando o exemplo das estrêlas, que, na infindável desproporção de umas para outras, compõem a maravilhosa harmonia celeste.

Mereceria eu tais críticas se não houvesse cumprido a minha missão, que não foi, afinal, a de vencer eleições à custa de barço e cutelo, mas a de instaurar em nossa terra um regime de liberdade, paz e progresso, e este aí está.

FIEL A VERDADE

As mágoas que não pude evitar são muito pequenas diante da obra realizada, e afloram apenas porque o meu Governo não se marcou por atitudes de violência e arbitrio que ferissem mais fundo, magoassem mais. Os possíveis arranhões, de tão leves, não chegaram a deixar vestígios, e, se são sentidos agora, um pouco tardiamente, aliás, é porque na realidade não houve lesões que registrar.

Se errei, foi na boa intenção de acertar. Cumpre, todavia, acentuar que os governantes cometem erros também pelo imperativo das circunstâncias e muitas vezes evitando mal maior.

Nunca faltei à verdade. Meus atos confirmaram sempre as minhas palavras. Meu Governo atuou invariavelmente dentro dos ideais democráticos por mim pregados nas campanhas eleitorais. Fui sempre eu próprio, nas minhas palavras como nas minhas ações, e honra-me sobremodo haver interpretado os sentimentos alagoanos sem me negar, antes pelo contrário, confirmando-me em todos os momentos, fáceis ou difíceis.

POVO E GOVERNO

Deixo o poder com os mesmos sentimentos que me animavam quando o assumi. Nestes cinco anos não passei um dia sem ter a minha sensibilidade tocada pelas alegrias e pelas tristezas do povo, suas esperanças e suas decepções, suas angústias e seus contentamentos. E hoje depois dessa longa e árdua caminhada, não penso menos na fome dos miseráveis, na dor dos desgraçados, nas dificuldades dos necessitados. Dentro do círculo das minhas atribuições, fiz o que pude para melhorar-lhes as condições de vida e assegurar-lhes novas oportunidades de bem-estar. O problema, porém, não é do Governo, mas do regime atual, que, vencido pelas próprias contradições, insiste ainda, nos seus últimos arranços de sobrevivência, em manter injustiças e privilégios que aprofundam e tornam mais clamantes as desigualdades sociais, vale dizer aumentam-lhe a insegurança e tiram-lhe,

pelas tensões emanadas das necessidades, a tranquilidade e a paz.

Houve, sempre, nestes cinco anos, a mais viva cordialidade, a melhor intimidade entre o povo e o Governo. O povo esteve neste Palácio, ou onde quer que eu me achasse, durante o período de meu mandato. Senti-lhe a presença em todos os meus atos, e foi nisto que mais se firmou a minha força.

Fui, no Poder, o que sempre fui e me honro de continuar a ser: um homem do povo, um homem humano, um homem comum, que trata os seus semelhantes, ainda os mais modestos, como camaradas e amigos. Governador, nunca deixei de apertar a mão dos esfarrapados, de abraçar os humildes de pés descalços, de confortar os infelizes, conviver com os pobres e os aflitos. E não apenas em Palácio: visitava-os constantemente em suas próprias casas, para mostrar-lhes que o Governo era deles também.

Prestigiei o trabalhador sem pretender destruir o patrão, pois no bom entendimento entre o trabalho e o capital está, dentro do nosso regime, o interesse de ambos. Não houve nenhuma agitação social no decorrer do meu Governo; e, quando os operários da Nordeste pleitearam, por mais de uma vez, elevação de salários, tiveram em mim um advogado pertinaz junto à alta direção da Companhia, e foram atendidos. As classes produtoras sempre mereceram de mim todo o atacamento.

SENTIMENTO DO DEVER

Não cuidei apenas de fazer o bem, mas procurei sempre evitar e neutralizar o mal, prevenindo acontecimentos e reduzindo ou fazendo desaparecer conseqüências deles que não se ajustassem à tranquilidade dos alagoanos. Quando, para isso, foi preciso que eu suportasse calado torpes agressões, não me faltou resignação para o sacrifício, sofrendo justos sentimentos de revolta, e embora para agir estivesse forte não somente de razão, mas de prestígio popular e político, e de poder material. Jamais considereei como ponto de referência da minha atuação o que diziam e o que faziam os meus adversários, mas o bem do povo. Nunca tive medo de parecer que tinha medo. Jamais receei ser mal julgado, se a consciência me dizia que eu estava certo. Jamais pratiquei um ato que não fôsse unicamente orientado pelo interesse coletivo.

Tendo lutado pela paz dos alagoanos, estou em paz com a minha consciência, animado pela paz interior de haver feito o bem, apesar da tristeza que me traz a convicção de que muito mais poderia ter realizado, não fôsem os embaraços que me antepuseram. Só levo realmente do Governo uma tristeza: a de não haver feito mais pelo povo. Dos meus adversários levo uma queixa: a de se terem empenhado sistematicamente em impedir que trabalhasse mais pela sua terra e pelo seu povo um alagoano de boa vontade que, alçado ao Governo, tudo queria fazer pelo Estado, e se achava em condições de fazê-lo. A ampliação do serviço de assistência social, a criação do Serviço de Menores, o Banco da Produção, a divisão das terras públicas, o aumento do número de telefones de Maceió, são problemas que, entre outros, eu poderia ter resolvido, não fôsse a oposição sistemática que enfrontei.

VOLTA A OPOSIÇÃO

Fui sempre coerente e conseqüente. Em 1951, recém-empossado e vitorioso, como em 1956, ao fim do meu mandato e com um adversário eleito para o Governo, não variou minha atitude, quer do ponto de vista administrativo, quer do ponto de vista político. No último ano do meu mandato, trabalhou-se mais, em todos os setores da administração pública, do que em qualquer outro ano. O clima democrático de 1956 é em Alagoas o mesmo de 1951, no que diz respeito ao Governo do Estado.

Não tenho ambições pessoais. Jamais havendo aspirado à altura a que cheguei, torno à planície com a alegria de quem sente que não falhou à expectativa generosa dos seus conferrâneos. E maior prêmio não quereria eu para os sacrifícios que aqui passei.

Volto à oposição, onde estive durante vinte um anos. O destino colocou-me numa situação singular: oposicionista militante durante tão longo período, quando em 1950 cuidava de eleger-me deputado para, com o mandato popular, que exerceria pela primeira vez, continuar meu combate, sou convidado a participar aqui de uma luta terrível, e conduzido pelo povo à chefia do Poder Executivo. A transição foi rápida demais para que eu não lhe sentisse os efeitos. Oposicionista no âmbito nacional, não vim "apoiar" um Governo, mas "chefiar" o Governo de um pequeno Estado. Jornalista de oposição numa cidade como o Rio, com a liberdade de crítica assegurada, vim governar uma terra onde essa liberdade era negada violentamente.

SOFRIMENTO DO HOMEM DE GOVÊRNO

Foi muito fecunda para mim a experiência, e por ela senti quanto é fácil criticar e quanto é difícil governar, quando se tem o senso da responsabilidade. Não calcula o povo como sofre, chamado ao Govêrno, um homem consciente da sua missão, a quem se dirigem os apelos de tôdas as necessidades e a quem faltam, geralmente, os meios para atendê-los. E, além dessa impossibilidade de fazer todo o bem reclamado, ainda depara êle adversários que, sem nenhum constrangimento, com a mais inocente naturalidade, o embaraçam e perturbam, como se agissem contra um homem de quem não dependesse o bem público, e que estivesse cuidando de seu interêsse individual e não do interêsse coletivo; como se se tratasse simplesmente de um daqueles participantes de corridas de velocidade, cujos pés se agram dentro de um saco para entravar-lhes a marcha.

Atente-se também em que, para realizar, não bastam os simples elementos de execução, pois, para o mais rápido e pleno êxito da execução mesma, se impõem atos e sofrimentos decisivos e incalculáveis, praticados e suportados nos bastidores, longe da vista do povo e aparentemente desligados da obra em si. Na construção de uma estrada, por exemplo, não se exige apenas a técnica, que planeja e executa nem o dinheiro, com que se contrata, nem as máquinas, com que se trabalha. Acima de tudo isso, há o empenho, a vontade, a chama criadora, a luta sem tréguas, feita de pequenos nadas e de grandes agruras, nutrida na tenacidade, alimentada no idealismo e na coragem cívica com que se afastam os obstáculos, se apressa o trabalho e se garante a concretização do empreendimento. E a essas dificuldades e exigências de tôda ordem, que se apresentam ao governante consciente do seu dever, somem-se outras limitações, inclusive aquela, permanente, de silenciar, pois que o silêncio é também condição de bom sucesso, embora impeça de pronto o esclarecimento da verdade.

Afinal, lutamos cinco anos no Govêrno, e em sã consciência posso afirmar que obtivemos saldos favoráveis para a comunidade. Houve feitos materiais numerosos, como o atesta a relação das realizações do Govêrno. (*) Houve, no plano político, uma obra pedagógica que se exaltou na afirma-

(*) No meu Govêrno, construímos — sômente referindo o setor rodoviário — 154 quilômetros de boas estradas asfaltadas, quando ainda se importava o asfalto, colocando-se Alagoas em quarto lugar, entre os Estados do Brasil, em matéria de pavimentação.

ção democrática de que se pode governar e realizar dentro de ampla liberdade. Não esteve ausente o Governo do movimento cultural, e nunca, como nestes cinco anos, se fez tanto aqui pelas coisas da arte. Quanto à assistência social, dela não descurou o Governo, estimulando os movimentos de solidariedade humana e cooperando com as instituições e pessoas que os dirigiam. Nunca, por outro lado, repito, esteve o Governo tão integrado com o povo. Nunca, repito com orgulho, o Governador se misturou tanto com a massa. Fui humilde até onde não compromettesse a autoridade do Poder Público.

ESPERANÇAS

Povo alagoano:

Volvido este quinquênio, constato com emoção que não desapareceram as vossas esperanças há cinco anos renascidas, e que elas continuam voltadas para os homens que promoveram a renovação de Alagoas. As esperanças satisfeitas deram margem a outras esperanças, e acentuaram a fé em nossos esforços pelo bem comum. Nós não tememos essas esperanças, e, na oposição, saberemos, como soubemos no Governo, corresponder a elas. Bem calculamos, sem falsa modéstia, o que fizemos por nossa terra. Mas, se o nosso trabalho surpreende em relação ao atraso em que encontramos Alagoas, não nos satisfaz êle se consideramos os problemas graves que ainda clamam por solução. Depositários da confiança popular, não nos sentimos na Oposição menos responsáveis do que no Governo. O equívoco de 1955, tendo-nos tirado o Poder, não nos tirou a flama de lutar pelo bem-estar do povo alagoano, não diminuiu em nós a ânsia de servir. Não esmiuçaremos as causas desse equívoco, mas estamos certos, desde logo, que êle não exprime despreço ao Governo.

O povo, que promoveu a experiência de 1950, a uma nova experiência se entregará em 1956. Não se ouviu nem se ouvirá jamais de mim qualquer recriminação contra o pronunciamento das urnas de 3 de outubro último. Não são apenas as vitórias que fazem o homem público, como não se fortalece o ser humano apenas com as alegrias da vida. As derrotas, como os sofrimentos, têm, sabe-se, a maior importância no destino dos homens. Não há homem público completo se a sua área de atividade se restringe ao Governo ou à Oposição. É preciso conviver realmente nos dois campos para ter uma visão do conjunto, para poder ser mais objetivo, mais justo e mais humano.

ATRASSO

O atraso em que vivia o nosso Estado foi, com a violência dos últimos governos — que, abandonados pela simpatia popular, queriam manter-se a todo o custo prestigiados dentro da estagnação — um dos fatores da revolta do povo alagoano em 1950. Eleito então governador, não poderia eu ficar insensível aos sofrimentos da nossa gente, reduzida e reprimida nos seus justos anseios de liberdade e bem-estar, nem amedrontado ante a gravidade dos problemas para resolver.

A paz que em 1951 aqui instauramos não foi a paz do marasmo e da inércia, mas a do dinamismo e da construção para o bem geral, contra a fome e a miséria. Dentro dela vibrou o povo intensamente. Palavra e ação, vontade e fé se conjugaram, como forças de propulsão, para movimentar Alagoas. Não houve indiferença, não houve pessimismo, não houve hostilidade que nos demovesse. Não tivemos hesitações, não tivemos dúvidas.

Quebramos, impetuosos, a rotina, e caminhamos com vigor para a frente. As questões pessoais não tiveram forças para influir nas nossas decisões e muito menos nos acontecimentos. A chama que nos iluminava e impulsionava era muito forte e muito viva para esmaecer por tão pouco. Alagoas então positivamente se renovou, experimentando em todos os setores de atividade o sopro vivificador de uma outra época, de que melhor falarão os dias futuros.

Antes escravizado, o povo conheceu no decorrer do meu mandato a liberdade e a paz. Antes desencantado e desiludido, acendeu nestes cinco anos o seu entusiasmo, a sua fé e as suas esperanças. Certificou-se de que é possível a Alagoas progredir dentro da liberdade. Concluiu que o bem comum não é um ideal inatingível e depende apenas da boa vontade dos homens públicos conscientes e conseqüentes, apoiados pela massa.

PROGRESSO

Como não há paixão política nem ódio nem inveja que possa ocultar os nossos esforços construtivos, não haverá incapacidade ou má vontade de govêrno que paralise a marcha de Alagoas. Isto só seria possível se desaparecessem os problemas e as necessidades, que, ao contrário, estão muito vivos e bem postos, como evidentes, à luz do sol, se mostram as realizações do meu Govêrno. Minha tranqüilidade de

consciência, ao deixar o Poder, funda-se não apenas na certeza da missão cumprida, mas ainda na segurança de que o povo defenderá suas conquistas de 1950. É possível que tenhamos de viver dias atrozes. Mas estou convicto de que o povo, todos os alagoanos de boa vontade, até os mais humildes, dirão “não” aos que desejem acabar com a liberdade, a paz e o progresso de Alagoas.

Não fiz uma política de circunstâncias. O plano do meu Governo nada tem de pessoal, e pode ser continuado por quem quer que seja. Creio exprimir o pensamento de quantos lutaram nestes cinco anos pela grandeza de Alagoas se afirmo que a nossa ação será invariavelmente orientada no sentido dessa grandeza, estejamos ou não no Poder. Não repetiremos jamais o êrro dos nossos adversários, que tudo fizeram para que eu, como Governador, nada realizasse. dominados por um absurdo negativismo e sem qualquer poder criador.

Mantive-me, no Governo, como um intérprete da vontade popular, e, na Oposição, não quero ser senão isso. Não fui, no Governo, contra a Oposição, mas por Alagoas, pelo povo alagoano. Não farei agora, como nunca fiz, oposição contra Alagoas, mas contra o Governo. O ódio dos meus adversários não me levará jamais a esquecer os meus deveres para com a nossa terra, por cujo engrandecimento lutarei sempre.

PEDIDO AOS ADVERSÁRIOS

Se alguma coisa eu pudesse pedir nesta hora aos meus amigos, aos que queiram ouvir minha palavra, seria que considerem sempre que a terra não é menos nossa nem o povo merece menos de nós por havermos perdido as eleições. Devemos ter sempre em vista esta simples verdade: os homens passam, e o povo fica. Aguardemos os atos do futuro Governo, e conduzamo-nos de modo que êle não nos possa culpar dos seus erros e malogros. E estejamos preparados para combatê-lo com tôdas as nossas energias se êle se decidir — ai dêle — pelo caminho do mal. Neste momento, estimaria dirigir-me especialmente aos meus conterrâneos mais jovens, àqueles que mais se beneficiarão dos bons resultados dos nossos esforços ou mais longamente sofrerão com a desgraças que caíam sôbre Alagoas.

Dos novos governantes não quero complacência. Meus adversários, espero que, como anunciaram, abram todos os inquéritos. Dêles estou certo de que sairá engrande-

cido o meu Govêrno, cujo padrão de moralidade administrativa se acha acima de qualquer suspeita. Se, porém, por infelicidade, algo se apurar de reprovável, serei o primeiro a não prestigiar o desacêrto.

AGRADECIMENTO

No instante em que me despeço do Poder, volto meu pensamento para todos os lutadores do meu Partido, nestes dez longos anos. Se alguns dêles, mais habituados à desenvoltura que nos permite a condição de oposicionistas, por vêzes estranharam as linhas de conveniência do Govêrno e manifestaram impaciência e incompreensão; se, marcados mais fortemente pela experiência da oposição, se surpreenderam com medidas tomadas pelo meu Govêrno sob o imperativo das circunstâncias e dos acontecimentos — pelo Govêrno, que faz mais o que pode e o que deve do que pròpriamente o que quer — isso evidentemente não lhes tira, aos meus olhos, os grandes serviços que prestaram à causa da democracia, ao bem-estar do povo alagoano e à minha administração; e espero sinceramente que o tempo os esclareça melhor que as minhas palavras.

Ressalto a inestimável cooperação que me deram todos os meus auxiliares e correligionários, dos mais categorizados aos menos graduados. E ressalto ainda todos os alagoanos, do mais ilustre ao mais humilde, que me ajudaram, direta ou indiretamente, a levar a bom têrmo a minha tarefa. Meu Govêrno não se constituiu, realmente, apenas dos meus auxiliares e dos meus correligionários. Tive colaboradores em tôda parte, em numerosas instituições, nos sindicatos operários e patronais, nos meios mais modestos como nos círculos exponenciais da nossa vida econômica, financeira e social. A todos ouvi sempre com atenção, dêles recebi ajuda, e com êles procurei cooperar, sempre que minha cooperação se fazia necessária. A êles, pois, os meus agradecimentos, com as minhas congratulações pela obra que juntos construímos.

E espero agora que continuemos todos a lutar pelo bem de Alagoas, seja qual fôr o setor em que nos coloque o destino. Findou-se um período de govêrno, mas a cruzada pela redenção da terra comum ainda tem muito que realizar. Acendeu-se com a fé do povo a estrêla da manhã, que há de permanecer iluminando os nossos passos a fim de sermos cada vez mais dignos de Alagoas e do Brasil.



Senado Federal



SEN00019941